



ABEH

Associação Brasileira de Pesquisa em Ensino de História

JUVENTUDES PERIFÉRICAS E MUSICALIDADES EM CONFLITO NA ESCOLA PÚBLICA

Ariel Boaz Costa e Silva¹

*“Eu sou marginal latino, Virgulino e Zapata
Pesado é meu destino, pois não nasci com la plata
Meu valor não se inverte, sou sangue dessa mata
Mexicano 777, Actitud Maria Marta
Sobrevivente da invasão quinhentos anos depois*

[...]

*E ficou com a cabeça avulsa
E quis usar de violência
Mas viu que rap não é bagunça
E hip hop é resistência
Cê quer chegar? Vai ter conduta, irmão!”
Resistência Latina, João Paiva²*

O caminho para a escola é ritmado pelo balaio³ que balança ao subir os morros de chão acidentado da periferia. Pela janela, revelavam-se barracos de alvenaria apertando-se para ocupar pequenos espaços, são horizontes invisíveis e pouco glamourosos da capital mineira. Por ali caminham os jovens uniformizados, muitos usam fones conectando os *smartphones* aos ouvidos com sons que apartam-se e aparta-os do mundo externo. A escola é o destino desses corpos e dessas sonoridades silenciosas. Como esses jovens e suas peculiaridades musicais são recebidos no ambiente escolar? Os docentes conhecem as culturas musicais dessas pessoas? O que pensam sobre o que conhecem e sobre o que desconhecem? Estes questionamentos são motivadores da minha pesquisa no Mestrado Profissional em Educação (PROMESTRE-UFMG) e da minha prática docente com os jovens do Ensino Fundamental, do Ensino Médio e da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

O ano de 2019 marcou o início da minha jornada docente, quando ingressei como professor de História em uma escola localizada na periferia da região Pampulha, em Belo Horizonte - MG. O diálogo com os estudantes me levou a pensar possibilidades de sequências didáticas utilizando o rap como fio condutor, já que era o estilo musical que fazia a cabeça dos adolescentes da turma de 9º ano do Ensino Fundamental. Essa era uma

¹ Historiador, professor da educação básica na rede pública estadual em Belo Horizonte e discente do Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (PROMESTRE-UFMG) – arielboazcs@gmail.com

² João Paiva é poeta, MC e professor na cidade de Belo Horizonte. Escute a música aqui: <https://youtu.be/XZ4k9R7iiwk>.

³ Balaio é uma gíria belorizontina para designar os ônibus do transporte coletivo local.

turma composta por jovens majoritariamente negros, bastante conflituosos com a escola e a equipe docente, profundamente marcados pelo insucesso escolar e ingressantes no mercado de trabalho. Desse modo, elaborei uma sequência didática planejada para quatro aulas, trazendo a história do próprio estilo musical como elemento para pensar a segunda metade do século XX. Foram escolhidas as músicas “Tô Ouvindo Alguém Me Chamar” do grupo Racionais MC’s, “Um Bom Lugar” de Sabotage e Black Alien e as belorizontinas “Diáspora” do grupo DV Tribo e “O Mundo é Nosso” do favorito dos estudantes, Djonga. Com o correr da sequência didática, a proposta musical estendeu-se para o restante do ano letivo e dos conteúdos programáticos da disciplina, levando-nos à apreciação pedagógica de canções da música caipira, Clube da Esquina⁴, MPB, punk rock, dentre outros.

Da perspectiva de professor de história e (não por acaso) músico, notei que as escolas públicas de Belo Horizonte são espaços de intensos conflitos culturais. Essas situações são importantes chaves para pensarmos os altos índices de fracasso escolar e exclusão da e na escola, já que influenciam na relação dos estudantes com a instituição e na interpretação dos docentes sobre os jovens periféricos. Alguns dados do INEP⁵ para o Censo Escolar de 2015 (válidos para o intervalo entre 2014 e 2015) são reveladores para a rede de educação pública de Belo Horizonte: os índices de repetência são de 10,4% nos Anos Finais do Ensino Fundamental e de 13,4% no Ensino Médio (chegando a 20,5% no 1º ano). Já os índices de evasão, giram em torno de 3,7% nos Anos Finais do Ensino Fundamental e 12,7% no Ensino Médio. Finalmente, o remanejamento para a EJA atinge 4,4% dos adolescentes do Ensino Fundamental e 4,5% do Ensino Médio.

A entrada dos adolescentes na EJA promove uma alteração importante nos perfis das turmas, povoadas majoritariamente por adultos. O encontro entre as gerações é atritante, como se pode esperar, mas ajuda a compreender a relação dos jovens com a escola. Afinal de contas, também há diferenças geracionais entre adolescentes e docentes! Alguns relatos me foram concedidos por professores de História das redes públicas de Belo Horizonte, revelando diferentes dimensões do paradigma geracional na relação professor-estudante.

⁴ O Clube da Esquina é constantemente evocado dialogicamente pelo rap de Belo Horizonte, sendo, inclusive, satirizado (e, ao mesmo tempo, homenageado) na capa do disco Heresia (2017) do Djonga e em versos como o de João Paiva, na música “Sem Dorflex”: “aquele clube do [bairro] Floresta não ia dar certo na minha esquina”.

⁵ Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/indicadores-educacionais>. Acesso em: 19 jun. 2021.

O que dizem os jovens professores?

A proximidade geracional com os estudantes traz suas peculiaridades, o que justifica o fato de os entrevistados escolhidos estarem na faixa etária entre 20 e 35 anos, sendo todos recém graduados com poucos anos de docência. Como observadores da prática educacional e do cotidiano escolar, todos relataram a existência dos já citados conflitos, destacando uma tendência de proporcionalidade entre a intensidade dos atritos e a experiência docente dos professores. O professor M.V. explica essa tendência evocando o desgaste decorrente do longo tempo de trabalho em condições inadequadas e, principalmente, as intensas diferenças culturais entre as gerações: “(...) se pegar um professor nascido nos anos 80, anos 70, que teve uma infância totalmente diferente, uma juventude totalmente diferente, uma relação com a autoridade totalmente diferente, eu acho que eles têm uma dificuldade de pegar essa geração que é muito rápida e que precisa ser ouvida, que é uma geração em que as coisas funcionam em uma velocidade diferente, que é informatizada”. Ele ressalta que o choque geracional é um aspecto indissociável das relações humanas e, enquanto docente, reconhece que também enfrentará esse problema no futuro ao se deparar com as juventudes que estão por vir.

Seguindo a mesma linha, o professor T.L. relata situações em que professores mais experientes precarizavam o diálogo com os estudantes sobre temas que extrapolavam o conteúdo das suas disciplinas. Já a professora L.P. destaca os conflitos que se relacionam também com as identidades periféricas dos jovens: “(...) eles [os docentes] viam esses alunos (...) como marginais mesmo”. E reproduz algumas das falas direcionadas aos estudantes, em sua maioria negros: “(...) esses são vagabundos, não querem nada com a dureza, por isso que depois vai para o mundo do crime, esse aí já tá perdido”. A projeção da marginalidade sobre os estudantes periféricos reforça a persistência escolar do fenômeno da “profecia que se autocumpre”, descrito por Magda Soares:

(...) a expectativa que uma pessoa tem sobre o comportamento de outra acaba por se converter em realidade, porque a ‘profecia’ que se esconde sob a expectativa exerce influência – não intencional e sutil – sobre o comportamento tanto de quem ‘profetiza’ quanto de quem é objeto da profecia. (SOARES, 2017, p. 55)

L.P. também comenta que os gêneros funk e rap, apreciados por seus alunos, também são alvos de comentários depreciativos que estabelecem relação entre as músicas

e uma suposta influência à imoralidade. Entretanto, M.V. e T.L. reconhecem que os jovens reagem à sua maneira ao preconceito que sofrem e às problemáticas que encontram na escola. T.L. relata um episódio que vivenciou em um concurso cultural organizado na escola onde lecionava. Na ocasião, os estudantes de uma turma de Ensino Médio formaram um grupo musical e utilizaram sua apresentação para levar a público críticas à gestão escolar. M.V. comenta sobre algumas características que ajudam a compreender a juventude e suas atitudes frente aos conflitos: “(...) eles são um vulcão de emoção, é uma galera que tá com tudo à flor da pele e, normalmente, eles vão despejar isso em alguém, seja em você, seja na família, seja na rua com os amigos, e a gente tem que conseguir, não é digerir, mas entender essa situação e trabalhar para que isso seja construtivo.”

Análise da Silva ressalta a visão negativa que os adultos aplicam sobre as juventudes, defendendo a compreensão a partir do conceito de geração, termo que “(...) tem o sentido tomado no campo da História, em que designa um conjunto de pessoas que nasceram mais ou menos na mesma época e que têm em comum uma experiência histórica idêntica e/ou uma proximidade cultural (...)” (SILVA, 2021, p. 165). Compreender os jovens enquanto sujeitos históricos diversos e autônomos demanda um posicionamento crítico à ideia de juventude enquanto fase de transição, tomando a fase adulta como destino de vida fundamental do ser humano.

Juventude periférica e suas musicalidades diversas

Pensar as juventudes periféricas urbanas exige um olhar cuidadoso para suas relações com a cidade. Richard Sennett dá uma contribuição importante ao tentar compreender os centros urbanos por meio da separação entre *ville* (o ambiente físico construído) e *cit * (a relação dos cidadãos com a *ville* e com os demais cidadãos). Sennett argumenta que “(...) uma cidade aberta naturalmente toleraria as diferenças e promoveria a igualdade” (SENNETT, 2018, p. 20), promovendo relações expansivas e inclusivas. Dentro dessa argumentação, é seguro dizer que Belo Horizonte, assim como grande parte dos centros urbanos brasileiros, é uma cidade fechada, em que a *ville* e a *cit * produzem estruturas e práticas segregadoras, reforçando o caráter relacional desigual entre centro e periferia (OLIVEIRA, 2017). As juventudes periféricas, portanto, são educadas nesse contexto, enfrentando constantemente barreiras estruturais e barreiras invisíveis (FRANÇA, 2019) que limitam seu acesso ao direito à cidade. Isso explica também sua relação conflituosa com os mais variados ambientes, dentre eles a escola.

Seria também um erro pensar os jovens a partir de estereótipos que se apresentam a nós, professores e pesquisadores, de maneira sedutora. A professora J.T., recém graduada e ex-integrante de programas de iniciação à docência, comenta que viu gostos musicais diversos entre os adolescentes. Não é raro encontrar nas escolas experiências de rádios controladas pelos próprios estudantes, em que a diversidade de preferências musicais se manifesta para além do funk e do rap. No ano de 2019, ao ingressar em turmas de Anos Finais do Ensino Fundamental, me surpreendi ao questionar os estudantes sobre seus gostos musicais: além de rap e funk, estavam presentes a música gospel, o eletrônico, o k-pop⁶, o rock e as trilhas sonoras de jogos eletrônicos. Um jovem estudante do sétimo ano abalou, em especial, minha visão estereotipada e preconceituosa: negro, com riscos na sobrancelha, o “cabelo na régua” e camiseta de time de futebol, respondeu-me “*fessô*, eu gosto mesmo é de uma sofrência, daquelas de arrastar o chifre no chão”, referindo-se ao sertanejo universitário. Uma outra jovem, estudante do nono ano, negra e com longos cabelos afro, me disse se inspirar no grupo sul coreano de música pop BTS. Em suas redes sociais, ela publica fotos e vídeos com as músicas na trilha de fundo e com as legendas escritas no idioma coreano.

O rap gerador e suas possibilidades: a prática docente produzindo a pesquisa

Mesmo que a prática de ensino pautar o rap e o funk como direcionadores das discussões, é preciso levar em conta a diversidade presente na sala de aula. Uma chave para vencer os desafios impostos pela diversidade é pensar a música em suas múltiplas dimensões (HERMETO, 2009), considerando a canção um documento histórico dotado de contexto, de possíveis interpretações e de circularidade social. Para além disso, é preciso pensar a canção enquanto linguagens múltiplas: a lírica, a harmonia, a melodia, os elementos gráficos e a estética. Thiago de Souza, estudioso de música erudita e do funk, defende a ideia de que as apresentações de música pop são compostas por diversas formas de arte para além da música, compreendendo também dança, pirotecnia, figurinos, expressões visuais, dentre outros (SOUZA, 2018, p. 22).

No caso das manifestações musicais periféricas, é importante que se considere com especial atenção a opinião pública e o senso comum. Funk e rap estão expostos constantemente a leituras racistas e julgamentos estéticos. Evoca-se com frequência a

⁶ Música pop produzida por jovens sul coreanos, como os grupos BTS e Black Pink.

ideia de beleza como fator definidor das artes, levando ao argumento falacioso do “se não é bonito, não é arte”, que tem versões ainda mais radicais, como “funk é barulho repetitivo, não é música” e “rap não possui melodia, então não é música”. É revelador pensar que tal forma de argumentação surge da comparação com estilos musicais socialmente valorizados e que carregam sentimentos de nostalgia (SOUZA, 2018), como a música erudita, a MPB e o rock & roll. A tentativa de definir estilos musicais por essa perspectiva comparada é etnocêntrica, já que não carrega o interesse em uma compreensão real e honesta da manifestação cultural, mas de reforçar os estereótipos do que se convencionou chamar de baixa cultura.

Produzir arte é algo muito mais complexo do que o simples objetivo de beleza. Primeiramente, a beleza que se quer aplicar à música de periferia é bela para quem? Beleza não é um dado absoluto, mas cultural e que deve ser pensado pontualmente em cada contexto. Em obra canônica para a música erudita contemporânea, Arnold Schoenberg reforça a ideia de liberdade artística ao dizer:

Uma vez curados da ilusão de imaginar que o artista cria por razões de beleza; uma vez que se tenha compreendido que somente a *necessidade de criar* o obriga a produzir o que depois talvez designaremos como beleza, então se compreende que a inteligibilidade e a clareza não são condições que o artista necessita exigir da obra de arte, mas condições que o espectador espera ver satisfeitas. (SCHOENBERG, 2011, p.72)

A escolha do conceito freiriano “gerador” (FREIRE, 2014) para definir o rap justifica-se nas diversas dimensões que esse estilo musical, em específico, oferece. Primeiramente, a lírica é repleta de referências e *hiperlinks* que se fazem necessários para a compreensão mais ampla e fiel do discurso. Esses elementos também abrem novas discussões paralelas que sustentam as argumentações dos artistas. Um exercício interessante é escolher alguma canção rap e separar uma estrofe para produzir um mapa mental ou infográfico a partir das referências e *hiperlinks* ali contidos.

Outra característica geradora do rap está contida na própria história do estilo musical, desde antes da sua fundação nas periferias das metrópoles estadunidenses. Sabe-se que o estilo nasce das influências dos migrantes jamaicanos e latinoamericanos que, juntos com a população negra estadunidense e sua musicalidade própria, valem-se das novas tecnologias de aparelhagem de som para criar novos ritmos e formas de expressão musical e artística. O movimento hip hop que surge desse contexto possui três pilares centrais, que são o rap (sigla para “ritmo e poesia”), o *break dance* (a dança de rua) e o

graffiti (a pintura de murais com traços característicos). O movimento hip hop torna-se, assim, um rico direcionador para o estudo histórico das diásporas e movimentos migratórios, compreendendo até a contemporaneidade, já que o movimento artístico retorna para a América Latina, dando origem a novas manifestações das culturas periféricas ao sul do Rio Grande⁷.



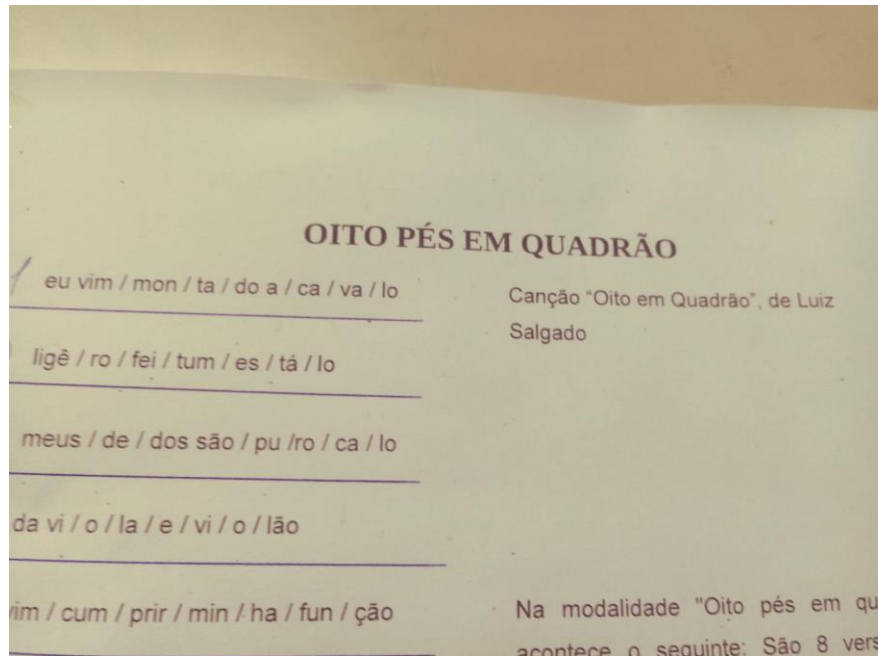
Aula de história do hip hop e prática de *break dance*. Arquivo pessoal do autor.

Nas experiências de aplicação didática do rap com os jovens periféricos, foi possível trabalhar temáticas as mais diversas, como a identidade racial, a relação dos jovens com a cidade de Belo Horizonte (a partir do rap produzido na cidade) e a corporeidade. A prática da escuta (FREIRE, 2020) aos estudantes foi de suma importância, já que as suas experiências e interpretações são potenciais produtores de saberes. As críticas e pontos de vista trazidas pelo cancionista do rap se confundem com as experiências dos jovens de periferia, ao mesmo passo que são fontes para pensar a história a contrapelo (LÖWY, 2011), levando os estudantes (e o professor!) à compreensão da dimensão de sua agência histórica.

Trabalhar com a lírica em perspectiva comparada também abre caminhos para o estudo de diversas manifestações da cultura popular brasileira. A partir do conceito de *flow*, que é a habilidade do cantor em encaixar a lírica em diversos formatos rítmicos, foi possível trabalhar com formas da poesia popular brasileira. Tal temática é importante, já

⁷ Cabe destaque para o *raggaeton* nascido no Caribe nos anos 1980 a partir da fusão de elementos do rap e do reggae jamaicano.

que as heranças da cultura dos meios rurais são formadoras das periferias urbanas. Compreender a cultura popular das áreas rurais do Brasil significa reestabelecer conexões com ancestralidades culturais da periferia.



Material da Oficina de rap e poesia popular. Arquivo pessoal do autor.

O rap gerador foi responsável por aberturas dos estudantes para a escuta e compreensão de diferentes perspectivas de História e de arte. Ao longo do desenvolvimento das sequências didáticas, os jovens demonstraram interesse no contato com estilos musicais e práticas artísticas diversas. Esse contexto nos permitiu compreender a História de uma maneira holística, buscando referenciais diversos e aplicando-os na interpretação dos conteúdos trabalhados nas aulas, mas, além disso, ampliando a visão de educandos e de educador(es) na sua condição de sujeitos históricos dotados de identidades próprias.



Os jovens se amontoam para conhecer a viola de Wilson Dias, artista do Vale do Jequitinhonha.
Arquivo pessoal do autor.

O trabalho histórico e musical foi realizado em um contexto de escola pública na periferia de Belo Horizonte e teve como sujeitos jovens marcados pela exclusão social, pelo racismo e pela relação conflituosa com a escola. Foi de fundamental importância seguir o conselho de Miguel Arroyo (2005) de nomear e pensar os estudantes a partir da sua realidade social, evitando nomes e interpretações mais afeitos ao discurso escolar. Afinal de contas, a baixa escolaridade e o fracasso escolar são, a priori, consequências das desigualdades na sociedade capitalista. Para além do ensino de conteúdos programáticos da disciplina de História, o uso da música com jovens periféricos precisa assumir o papel educador para desenvolvimento do senso crítico e ressignificação das relações entre estudante e escola, transformando os conflitos em geradores de debates e abrindo a escola para novas identidades periféricas dos sujeitos excluídos.

Referências:

ARROYO, Miguel. A educação de jovens e adultos em tempos de exclusão. In: UNESCO. **Construção Coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos**. Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2005, p. 221-230.

ARROYO, Miguel González. **Miguel Arroyo: educador em diálogo com nosso tempo**. Autêntica, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 66^a ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 58^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FRANÇA Jr., Adelson Afonso da Silva (et al). **“Da favela para o mundo”**: o funk e o reexistir de jovens adolescentes na EJA e na cidade. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2019.

HERMETO, Miriam. **Canção popular brasileira e o Ensino de História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

LÖWY, Michael. “A contrapelo”. A concepção dialética da cultura nas teses de Walter Benjamin (1940). **Lutas sociais**, n. 25-26, p. 20-28, 2011.

OLIVEIRA, Heli Sabino de; OLIVEIRA, Elaine Ferreira Rezende de. Juventudes, Periferias e o debate teórico acerca dessa temática no campo da educação. In: **Revista Ensaios Filosóficos**, v. 19, jul. 2019.

OLIVEIRA, Heli Sabino de. Do conceito de “periferia”: primeiras aproximações teóricas. In: BRITO, Cristiane Miryam Drumond et al. **Entrelaçando redes**: reflexões sobre atenção a usuários de álcool, crack e outras drogas. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

SCHOENBERG, Arnold. **Harmonia**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

SENNETT, Richard. **Construir e habitar: ética para uma cidade aberta**. Rio de Janeiro: Record, 2018.

SILVA, Analise de Jesus da. **Na EJA Tem J**: Juventudes na Educação de Jovens e Adultos. Curitiba: Appris, 2021.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola**: uma perspectiva social. 18. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020.

SOUZA, Thiago BA de. **Sorry, It's Over!**. Clube de Autores, 2018.